

Brasil está menos competitivo

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

A economia brasileira continua sendo uma das menos competitivas entre os países industrializados. De acordo com o Anuário da Competitividade 2006, elaborado pela escola de negócios suíça IMD (*International Institute for Management Development*), o país caiu uma posição e ocupa agora o 52º lugar no ranking, que é liderado pelos Estados Unidos e onde a Venezuela ocupa o amargo último lugar (veja quadro). Depois de ocupar sua melhor posição em 2002, quando esteve no 37º lugar, nos últimos quatro anos o Brasil patina entre as 51ª e 53ª colocações. Na avaliação de especialistas, sinal de que o país não avançou no sentido de tornar sua economia mais competitiva e atraente para os investidores.

De acordo com o pesquisador Carlos Arruda, da Fundação Dom Cabral, que coleta para o IMD os dados referentes ao Brasil, o que mais comprometeu o desempenho brasileiro no atual ranking foi o baixo crescimento econômico registrado no ano passado. "Além de termos crescido abaixo das expectativas em 2005, a sobrevalorização do real frente ao dólar reduziu muito a competitividade das empresas exportadoras. Na verdade, podemos até comemorar por termos caído apenas uma posição", afirma – a posição do ranking reflete as condições do ano anterior.

De acordo com o anuário, o que mais colaborou para a piora da avaliação brasileira foi a performance econômica (que saiu da 33ª para a 43ª posição) e a eficiência empresarial (da 31ª para a 42ª). "Apesar do controle da inflação, que é louvável, o baixo crescimento econômico e as altas taxas de juros comprometeram a performance econômica do Brasil", avalia Arruda. Já na eficiência empresarial, quando em 2006 o Brasil atingiu sua pior posição em toda a história, a culpa é da baixa produtividade das empresas.

No entanto, para o pesquisador o que mais atrapalha o Brasil é sua posição no ranking da eficiência governamental. O país chegou à 59ª posição, a antepenúltima entre as economias pesquisadas. "Apesar da política fiscal eficiente e da melhora no perfil da dívida, o arranjo das instituições públicas, a alta carga tributária e o peso dos juros comprometem o desempenho da economia", afirma Arruda.

A LISTA

A colocação de cada país no ranking da competitividade mundial de 2006. Entre parênteses, a posição no ano anterior

Estados Unidos	1º (1º)	Índia	29º (39º)
Hong Kong	2º (2º)	Colômbia	40º (47º)
Cingapura	3º (3º)	Africa do Sul	44º (46º)
Islândia	4º (4º)	Filipinas	49º (49º)
Dinamarca	5º (7º)	Brasil	52º (51º)
Japão	17º (21º)	México	53º (56º)
Taiwan	18º (11º)	Rússia	54º (54º)
China	19º (31º)	Argentina	55º (58º)
Chile	24º (19º)	Venezuela	61º (60º)

RAIO X DO BRASIL

Veja o comportamento do país em relação a todos os fatores pesquisados

	2005	2006
Performance econômica	33º	43º
Economia doméstica	47º	69º
Comércio internacional	42º	43º
Investimento internacional	29º	29º
Emprego	27º	36º
Preços	34º	21º
	2005	2006
Eficiência governamental	57º	59º
Finanças públicas	47º	43º
Política fiscal	39º	39º
Estrutura institucional	59º	61º
Legislação empresarial	53º	47º
Características sociais	52º	52º
	2005	2006
Eficiência empresarial	31º	42º
Produtividade e eficiência	46º	53º
Mercado de trabalho	10º	35º
Finanças	52º	52º
Práticas gerenciais	20º	34º
Atitudes e valores	22º	33º
	2005	2006
Infra-estrutura	52º	53º
Infra-estrutura básica	48º	44º
Infra-estrutura tecnológica	51º	55º
Infra-estrutura científica	51º	50º
Saúde e meio ambiente	48º	44º
Educação	52º	52º

Fonte: IMD

Para Sílvio Campos Neto, economista do banco Schahin, o peso do setor público prejudica todos os segmentos da economia nacional. "O estado brasileiro ainda é muito ineficiente, com alta carga tributária e juros elevados. Isso prejudica toda a cadeia produtiva, reduz o investimento em infra-estrutura e afeta a competitividade das empresas. No final desse processo, fica comprometida a capacidade de crescimento do país", afirma. "E o pior é que as reformas estruturais, como a tributária e a da Previdência, não estão sendo feitas. Isso ajuda a inibir ainda mais futuros investimentos."

Na avaliação do economista Guilherme Maia, da consultoria Tendências, a palavra-chave é produtividade. "A estabilidade macroeconômica foi alcançada e o cenário externo é muito favorável. O Brasil está muito menos vulnerável, como mostra o risco-país

próximo dos 200 pontos. Mas a produtividade não cresce e alguns setores sofrem com a falta de marcos regulatórios. Isso mina qualquer possibilidade de melhoria na competitividade do país", afirma.

No ranking divulgado ontem, quem mais ganhou posições foi a China, que saltou da 31ª para a 19ª colocação, seguida pela Índia (da 39ª para a 29ª). O país que mais perdeu competitividade foi a Coréia, que despencou da 29ª para a 38ª. "É preciso ver o que define a competitividade de um país. O ranking usa 312 indicadores, mas talvez os investidores usem outros índices", pondera o economista Marcelo Nonnenberg, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). "Claro que se um país está em 4º e outro em 50º, sua economia é mais competitiva. Mas as pequenas diferenças precisam ser olhadas com mais cuidado", alerta.